

RECORDANDO OS MASSACRES COLONIAIS

Domingo 19-12-82

Cerca de 20 quilómetros a sul da cidade de Tete, uma picada destaca-se para a esquerda da estrada principal que liga Tete à Província de Manica e, depois de atravessar uma paisagem desolada de pedras e riachos secos, termina numa clareira. Ali, no meio do mato, o que resta de uma povoação outrora próspera: um alpendre de palha protege a calxa contendo caveiras e outros despojos humanos, restos de haveres pessoais queimados. Este o cenário principal de um episódio da guerra colonial, ocorrido há precisamente dez anos, e que ficou tristemente célebre como «O Massacre de Wiriyamu».

Com base em informações de alguns sobreviventes (foram mortos mais de quatrocentos pessoas) padres espanhóis que trabalhavam na área elaboraram relatórios que serviram de base às denúncias dos massacres.

Segundo os documentos fornecidos ao jornal inglês «Times» pelo padre Adrian Hastings, a acção decorreu na tarde do dia 16 de Dezembro e começou com o lançamento de algumas bombas sobre Wiriyamu. Pouco depois, tropas aéro-transportadas cercaram a aldeia, para a qual avançaram, em seguida. Os habitantes, distribuídos em dois grupos, um composto por homens, outro por mulheres, foram então alinhados. Na sua maioria foram imediatamente mortos a tiro, mas muitos deles foram empurra-

dos para dentro das casas a que os soldados lançaram fogo, enquanto algumas crianças eram mortas a pontapé e várias outras pessoas assassinadas de maneira mais atroz.

Este massacre levou algum tempo. E, em seguida, as tropas seguiram para outras aldeias e localidades das redondezas de Wiriyamu. A aldeia de Chawola parece ter sido a última. Ali os soldados alinharam os habitantes num único grupo, mandando-os bater palmas e disparando sobre eles em seguida. Amontoaram então os corpos, cobriram-nos de capim e lançaram-lhes o fogo.

Foi publicação destes factos pela imprensa internacional, seis meses após o massacre, que alertou a consciência da humanidade, como disse o então secretário geral da ONU, Kurt Waldheim, para as atrocidades e outros crimes perpetrados pelas forças repressivas do regime colonial português contra o povo moçambicano.

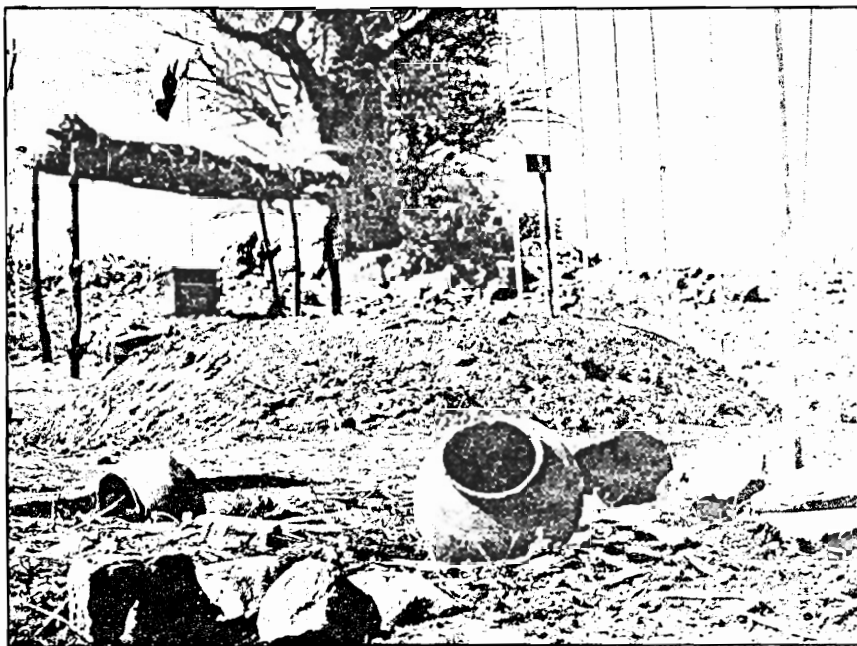
O trabalho forçado, a prisão arbitrária, os interrogatórios e a detenção de suspeitos pela PIDE/DGS eram aspectos normais do sistema. Os massacres eram a sua última e mais intensa expressão. Ainda em 1960, a oito anos antes da fundação da Frente de Libertação de Moçambique, uma manifestação pacífica de vários milhares de pessoas reivindicando apenas liberdade, foi brutalmente reprimida e centenas de cidadãos massacrados, em Mueda.

Mas foi sobretudo durante a guerra de libertação nacional que os massacres contra as populações se agravaram. Na segunda metade de 1972, a guerrilha intensificou-se em Tete, (conforme o atestam os comunicados militares do Fronte e do próprio regime português) provocando um verdadeiro pânico entre as autoridades coloniais e seus aliados.



Os massacres foram «a última e mais intensa expressão de um sistema que, na sua totalidade, se revestiu de um carácter brutal e destrutivo». Na imagem, uma vítima do massacre de Inhamitanga

A travessia do Zambeze, em 1971, permitiu estender mais facilmente a guerra para as províncias do centro e sul do País, além de afectar interesses vitais do colonialismo português, tais como os empreendimentos económicos como a barragem de Cahora Bassa, as ligações rodó e ferroviárias Beira-Salisbúria, entre outras. Por outro lado, algu-

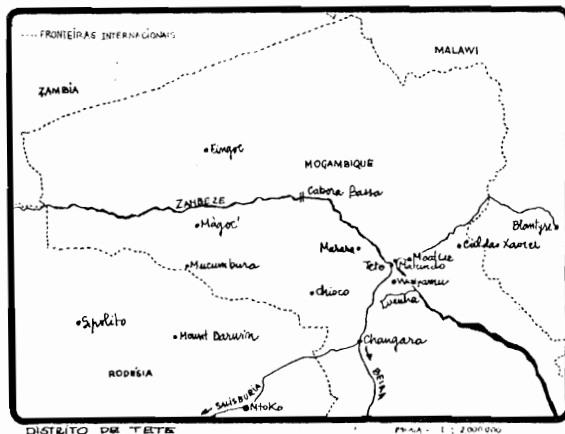


Wiriyamu, quando se iniciaram as escavações, já depois da independência

mas táticas convencionais para tentar travar a luta armada tinham fracasado em Cabo Delgado e Niassa, pelo que o exército colonial recorreu a outros procedimentos, criando grupos especiais, fixando as populações em campos de concentração e eliminando massivamente os suspeitos de colâboração com os guerrilheiros.

Foi assim que se multiplicaram os massacres na área de Mucumbura, desde fins de Abril de 1971. Embora documentadas e divulgadas, não atraíram muita atenção do mundo exterior. Talvez por se considerarem inicialmente fenómenos isolados ou aberrações e não a consequência previsível de uma política de reprimir pela força militar um movimento popular.

Wiriyamu, como dizia Adrian Hastings é «um símbolo da humanidade indefesa exterminada pela irracional genocida». Nesta data é justo evocar todas as vítimas que, em Mucumbura, Chawola, Juwau, Daque, Maque e em Inhamitanga (entre Agosto de 1973 e Março de 1974) e tantos outros locais que dificilmente serão conhecidos porque não há sobreviventes, com o seu sangue fertilizaram a terra que hoje é a nossa Pátria independente, livre e soberana.



Mapa da Província de Tete, com a localização das povoações onde se realizaram os massacres